CARACTERIZAÇÃO DO FANTÁSTICO NAS OBRAS: *A queda da casa de Usher e Berenice*, de Edgar Allan Poe[1]

Imairô Ribeiro de Oliveira[2]

Elis Regina Fernandes Alves[3]

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar de forma comparada os contos: *A queda da casa de Usher* e *Berenice*, ambos de Edgar Allan Poe, considerado pai dos contos de terror, de acordo com a caracterização dos elementos fantásticos. Neste trabalho, as comparações e caracterizações do fantástico são feitas de acordo respectivamente com Nitrini (1997) e Carvalhal (2001), que discutem sobre a Literatura Comparada, que consiste na comparação de obras e autores em diversos níveis; e Todorov (2008) e Lovecraft, teóricos da Literatura Fantástica que abordam o fantástico como uma hesitação daquilo que é real. Deste modo, a análise constatou que existe uma grande aproximação entre os contos na caracterização de seus elementos fantásticos e insólitos, através da riqueza na construção do léxico, e a descrição de ambientes soturnos, por exemplo.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe, Literatura comparada, Literatura Fantástica.

Abstract: The purpose of this article is to compare the short stories*: The Fall of the House of Usher* and *Berenice*, both of Edgar Allan Poe, considered the father of horror short stories, according to the characterization of the fantastic elements. In this work, the comparisons and characterizations of the fantastic are done according to Nitrini (1997) and Carvalhal (2001) respectively, who discuss the comparative literature, which consists on the comparison of works and authors in many levels; and Todorov (2008) and Lovecraft, theorists of the Fantastic Literature, who approaches the fantastic as a hesitation of what is real. Thus, the analysis found that there is a great approximation between the stories in the characterization of its fantastic and unused elements, through the richness in the construction of the lexicon, and the description of gloomy environment, for example.

Keywords: Edgar Allan Poe, Compared literature; Fantastic literature.

INTODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar e analisar os elementos fantásticos nos contos *A queda da casa de Usher*, (publicado em 1839) e *Berenice*, (publicado em 1835), de Edgar Allan Poe, constatando as aproximações de acordo com os conceitos sobrenaturais característicos da escrita do autor, considerado pai dos contos de terror. Com isso, as

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Autora do artigo. Discente finalista do curso de Letras- Línguas Portuguesa e Inglesa do IEAA-UFAM.

[3] Orientadora do Trabalho de conclusão de curso, professora do IEAA-UFAM.

informações consultadas através das leituras ao longo do artigo serão voltadas à Literatura Comparada, que surgiu no século XIX ligada ao pensamento cosmopolita, buscando definir que a comparação em si não é um método, mas, um meio para se chegar à generalização ou divergência das obras analisadas. Perante tais circunstâncias, como o próprio nome já nos remete, a Literatura Comparada vem como utensílio aliado às várias características e diferenças encontradas nos contos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa elaborada foi bibliográfica de cunho qualitativo. Sendo assim, o entendimento do que é a Literatura Comparada se dará em autores como Carvalhal (2001) e Nitrini (1997). O entendimento e conceito da Literatura Fantástica se fará necessário para definir o surgimento dos elementos sem explicação nos contos, que aparecem para reafirmar o aspecto de morte nas duas obras, fazendo-nos questionar sobre o que é realmente verdade (real) e imaginário (ilusão), característica das obras com teor gótico. Para explanar a respeito do fantástico temos Todorov (2008), Lovecraft (1987), Lourenço (2010), Camarini (2014).

Diante do explanado é importante ressaltar que a comparação dos elementos fantásticos ou sobrenaturais ainda aparentam ser terrenos pouco explorados pela sociedade atual. Cada conto, de modo singular, chama atenção por seus traços de semelhança e diferença. Além do mais, *A queda da casa Usher* e *Berenice* despertam no leitor grande fascínio, causado pelo surgimento do sobrenatural, desta forma, tais aspectos se mostram relevantes por ser uma nova visão de análise.

LITERATURA COMPARADA

A Literatura Comparada surgiu no século XIX juntamente com as literaturas romana e grega, mas sua importância e disseminação desenvolveu-se apenas no século seguinte, onde se tornou disciplina e fez-se necessário um conceito para definição do confronto entre textos literários.

> O surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente do pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais. (CARVALHAL, 2001, p. 8)

Ligada ao contexto europeu, a Literatura Comparada ganha forma e força, mas apesar disso, durante o século XX, a melhor palavra que usaram para defini-la foi

influência. Nitrini (1997, p.7) afirma “Influência não é algo que se revela no singular, na maneira concreta, mas deve ser buscada em diferentes manifestações”. Assim, ela serviu de instrumento de influência entre autores, países e culturas, e também era utilizada para demonstrar a força da literatura de um país rico sobre outro mais pobre, literariamente falando.

Apesar de ser um conceito, este método de analisar literatura não é imutável, ou seja, ele está em eterno processo de transformação de acordo com a época e o espaço.

Com o passar dos anos, o comparativismo ganhou diversos significados até chegar ao conceito estabelecido nos dias de hoje que não se detém apenas à influência ou ao confronto entre duas obras ou autores: [...] O que se procura é uma comparação feita em diversos níveis: entre literatura e literatura, entre literatura e arte, entre literatura e ciências sociais e aí por diante. (BARA, 2010, p. 6)

Trazendo para a atualidade, a comparação feita mais recentemente é muito mais abrangente, mais meticulosa e exigente. O que antes se importava apenas com comparação propriamente dita, hoje, ultrapassa as antigas barreiras e faz uso de diferentes perspectivas de comparação, e não somente a literária.

Atualmente, a Literatura Comparada volta sua atenção para um campo muito mais vasto do que a influência em si, como já fora citado, ela faz uso de diversos utensílios sociais e culturais para firmar referências a partir de diferentes pontos de vista. Buscando definir que apenas a comparação não é um método, mas, um meio para se chegar à generalização ou divergência das obras analisadas, Carvalhal aponta:

> [...] a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2001, p. 7)

Diante disso, é importante ressaltar que a comparação é feita pela necessidade de buscar a identidade e/ou as influências e diferenças não só entre obras, mas sim entre autores, áreas de pesquisa, relações sociais e afins.

A comparação é inerente ao ser humano, ou melhor dizendo, do saber humano, com ela somos capazes de forma premeditada confrontar obras e autores buscando julgamentos de valores. No terreno da crítica literária, a comparação não se faz apenas às influências que os autores sobrepõem ao outro, mas também a diferentes autores que abordam o mesmo tema ou temas parecidos, porém de diferentes formas.

Um bom exemplo disso é a temática dos duplos na obra *William Wilson* (1839), de Edgar Allan Poe, e *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde. Em *William Wilson*, encontramos a ideia do duplo como algo exterior às ações do próprio eu, ou seja, William Wilson era um jovem de vida fácil que enganava e tirava proveito de qualquer pessoa que lhe aparecesse. Seu personagem reconhecia que havia semelhanças entre ele e o seu duplo, mas as repudiava totalmente por temer suas ações, diante disso, ele projetava no duplo seus próprios medos, o duplo era tudo aquilo que ele próprio temia.

Já em *O retrato de Dorian Gray*, temos um personagem totalmente diferente, pois apesar da ideia do duplo ser a mesma, para Dorian Gray, o seu retrato aprisionava as maldades da sua alma, sua figura estampada naquela pintura escondia os reais sentimentos do seu eu, enquanto ele tinha uma vida totalmente desregrada, banhada pelo luxo, episódios promíscuos e criminosos, nada em sua feição mudava, continuava com a mesma beleza impetuosa de sempre, o contrário de seu retrato, que sofria e estampava todas as maldades pelo rapaz cometidas. Caracterizando os duplos, Calansas (1988), comentadora da Literatura Fantástica que será abordada posteriormente, diz que os duplos são muito mais comuns do que pensamos nos trabalhos literários, o tema pode ser representado por personagens estranhamente idênticos fisicamente e mentalmente, fazendo suas vivências serem exatamente as mesmas; por personagens que se identificam tanto com outro, duvidando assim da sua própria existência; ou até mesmo transformando-se em personagens totalmente diferentes, distintos e opostos.

No terreno da comparação entre obras do mesmo autor, como o próprio trabalho nos remete, Edgar Allan Poe será o autor analisado, em *A queda da casa de Usher* e *Berenice*, por meio dos quais é possível levar ao pé da letra o que fala Kristeva: [...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1969, p. 146)

No caso dos contos, apesar de serem obras diferentes, os temas por ele abordados passam a coincidir com o desenrolar do enredo, o mistério que toma conta das duas histórias faz transparecer acontecimentos tidos como sobrenaturais, assim como os personagens criados passam a ter transtornos psicológicos muito parecidos. Poe aborda com maestria as angústias trazidas pela ideia da morte, as obsessões e principalmente os acontecimentos horrendos e misteriosos, fazendo com que deixemos um pouco de lado a Literatura Comparada, dando lugar à Literatura Fantástica, que será abordada em seguida.

LITERATURA FANTÁSTICA

Desde os primórdios da humanidade, os seres que nele habitam estão cercados de histórias que não possuem explicação cientifica ou plausível, as leis naturais nesses casos não conseguem se aplicar, tais como os mitos ou as histórias carregadas de fenômenos sobrenaturais que nossos avós nos contavam, podendo dizer, assim, que a mais antiga forma de narração é o fantástico.

As lendas, os contos, os mitos, as histórias de dormir e também os relatos de pessoas comuns sempre mexeram com a imaginação humana, e o homem, por sua vez, sempre buscou explicar as demais variações do inexplicável. Para Lourenço (2010) esses temas são imortais, passam de geração em geração e ganham força de acordo com sua disseminação. Na Europa, temos o monstro do *Lago Ness*, ser grandioso e de força extrema, extrapolando a linha natural que conhecemos; do Oriente Médio vêm os dragões cuspidores de fogo, com suas asas enormes e magias. Na América do Sul, principalmente no Brasil, as lendas indígenas e urbanas fazem a imaginação humana viajar, citando como exemplo as contribuições indígenas temos a Vitória-Régia, a lenda do Boto, já no que se refere as lendas urbanas, é muito comum nos deparamos com as variações da Mulher de Branco, Loira do Banheiro, Maria Sangrenta, os títulos são infinitos. Neste aspecto, a literatura nos presenteia com uma vertente de reflexões e análises críticas a respeito dos temas do imaginário denominada: Literatura Fantástica.

Até hoje não se chegou a uma conclusão exata de quando tenha surgido o gênero fantástico, muitos estudiosos acreditam que ele tenha surgido entre o século XVIII e XIX, logo após a metafísica tomar consistência juntamente com o positivismo, mas todos afirmam que sua maturação tenha ocorrido somente no século XX, após as obras literárias negarem o auxílio da religião e passarem a necessitar de uma definição para os temas abordados nas escolas românticas com teor gótico que faziam uso do medo e horror nas suas narrativas.

Analisando os precursores da Literatura Fantástica, Camarini (2014) cita que um um deles seja Cazotte (1719-1792), já que o gênero surgiu junto com os românticos, mas, apesar disso, os escritos de Cazotte eram voltados ainda para os primeiros passos desta literatura, embora já defina e evidencie uma das principais características centrais do fantástico continental no século XIX, com o conto *La Diable Amoureux* (1772). A partir do século XIX é possível citar quatro nomes de grande importância para a criação estrutural da base do gênero fantástico, Coleridge e os seus poemas *The Rime of the*

Ancient Marier (1798); *Cristabel e Kubla Khan* (1816); Keats com os escritos *La Belle Dame Sans Merci* (1819); Contos como *Der Sandmann* (1816) e *Die Bergwerk zu Falun* (1818) de E.T. A. Hoffmann, por fim, é importante também citar a novale de Tieck, *Der Runenberg* (1804).

No que se refere às reflexões teóricas a respeito do fantástico, outro grande precursor é o francês Charles Nodier, cuja obra *Du Fantastique em littérature* (1830), aborda sobre as manifestações fantásticas na literatura, usando como subsídio as produções do romantismo europeu. Ao analisar a obra de Nodier, Camarini (2014) nos aponta que os estudos feitos por ele são divididos em três etapas: a poesia, quando as palavras são substituídas por imagens representativas; o desconhecido, considerando o mundo espiritual uma ferramenta de elevação do homem em relação às diretrizes materiais, fazendo a poesia refletir ao universo; e por último a mentira, que procede a imaginação. Assim se cria o fantástico:

> Essas três etapas evidenciam uma das principais características do fantástico: este não se apresenta como fruto de mentes perturbadas, visionárias ou alucinadas, mas é oriundo do racional, do desenvolvimento da mente humana. (CAMARINI, 2014, p. 14)

Tais características corroboram um conhecimento de mundo no qual o ser humano evidencia qualquer elemento que precise de um conjunto de fenômenos não explicáveis, desta forma, a existência do fantástico se atrela aos exageros das leis positivas, resumindo, os estudos feitos por Nodier consistem no sonho e na loucura como mecanismos de fuga. (CAMARINI, 2014).

Apesar de não nos agraciar com grandes reflexões sobre o fantástico, Maupassant dispõe de dois textos que muito esclarecem as reflexões sobre o gênero, para ele o fantástico era nada mais, nada menos do que inerente à alma, muito parecido com a ideia de Nodier, a única diferença é que Nodier inicia esses estudos, e Maupassant vem fechar este ciclo, considerando o medo e a solidão como sensações realistas. Buscando uma definição do que é o fantástico, Camarini ressalta:

> A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. (CAMARINI, 2014, p. 8)

A Literatura Fantástica está presente entre a dúvida sobre o que é real e sobrenatural, ou seja, daquilo que acontece e não conseguimos explicar racionalmente o porquê ou qual a intenção de ter acontecido, esta perplexidade nos leva ao terreno do fantástico. Essa vacilação faz com que busquemos respostas, sejam elas racionais ou irracionais, e é nesta ambiguidade que o fantástico faz morada. Mas, partindo para uma segunda variação, o campo do fantástico nos remete a diferentes significados. Segundo Todorov:

> O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (2008, p. 15)

Apesar dos acontecimentos sobrenaturais ocorrerem, sempre há uma resposta plausível ou também sobrenatural para tal, o fantástico nos abre essa porta e nessa porta é onde surge o estranho e/ou maravilhoso. Para Todorov (2008) essas duas definições podem ser explicadas tanto pela razão das leis da racionalidade quanto pelas leis naturais. Optando pelas leis racionais se tem a explicação denominada pelo estranho e para exemplificar temos a obra *Descanse em paz, meu amor* (2001), do autor Pedro Bandeira, que narra a história de seis amigos que resolvem sair em busca de aventuras numa montanha, mas que tudo dá errado, cercados pelo sobrenatural, após uma tempestade inesperada, a ponte que dava acesso à cidade fica intransitável, fazendo com que os amigos arranjassem abrigo numa casa abandonada que possuía um cemitério particular, lá o sobrenatural toma cada vez mais foco com a chegada do sétimo amigo, deixando os demais totalmente amedrontados com a aparição, após isso, os seis resolveram contar-lhe histórias que justificavam a presença do sobrenatural, na esperança que o descrente fosse convencido, mas tudo foi em vão, ele só acreditou quando os amigos o levaram até o cemitério e mostraram-lhe o túmulo onde ele havia sido enterrado há três dias. Alexandre morreu após cair da montanha em que escalava e só teve descanso após despedir-se de sua namorada.

A obra é caracterizada como estranha porque apesar dos fatos sobrenaturais presentes na narrativa, tudo pode ser explicado tanto pelo cansaço físico quanto mental dos amigos, acrescentando-se a isso o trauma que é perder um amigo jovem em tais condições, isso pode ser gerado facilmente pelo consciente do ser humano, não necessariamente caracteriza-se como algo real, mas sim, criações ou alucinações da

mente. Já escolhendo a explicação pelas leis naturais, temos o maravilhoso, que pode ser exemplificado pelas fábulas infantis, nas quais qualquer ser pode ganhar vida, falar e até mesmo ser um heroi, o maravilhoso nos possibilita isso e a vacilação entre essas duas possibilidades cria o efeito do fantástico nas obras.

Consequentemente, temos a visão do personagem principal, visão do leitor e a interpretação feita das obras. A posição tomada por esses três itens diante das possibilidades inerentes ao texto é fundamental para a definição do fantástico. Entretanto, antes disso, é necessário apontar quais são essas três posições.

Todorov (2008) assinala que a dúvida em que o personagem se encontra diante das circunstâncias apresentadas no texto, sejam elas naturais ou racionais, são fundamentais para fazer com que o leitor também oscile entre essas possibilidades e assim acabe se identificando com as atitudes e dúvidas do personagem, porém, para isso, é necessário que o leitor deixe o mundo real um pouco de lado e se entregue à magia da leitura, visualizando que o mundo e os personagens da obra são reais. Já as interpretações destas possibilidades não podem ser dadas como poéticas (convenções de unidades linguísticas) ou alegóricas (símbolos presentes na obra) porque se isso acontece, o texto perde completamente o sentido de fantástico. Contudo, os itens apresentados nem sempre possuem o mesmo significado na construção da obra, o primeiro e o terceiro item são os que realmente dão valor e sentido ao gênero fantástico, o segundo nem sempre se estabelece, mas na maioria dos escritos fantásticos os três modelos se concretizam.

Todorov (2008) diz que o sobrenatural presente nas obras nem sempre se faz suficiente para denominá-lo como gênero fantástico, muitas das vezes tais acontecimentos passam pelo leitor sem ao menos fazer com que ele pare para refletir sobre a existência ou frequência desses acontecimentos. Em linhas gerais, só o sobrenatural não é suficiente para enquadrar uma obra como fantástica, o sentindo estrito nele vai muito além. Com isso, também, a relação do narrador com o leitor tem papel fundamental para o desenrolar da história, pois é o narrador que exerce a função de guia, ele que dá veracidade aos fatos ocorridos, fazendo o leitor viajar na leitura, acreditando que tudo o que fora narrado é real, apesar de parecer inacreditável.

A posição ou reação do leitor é característica muito mais disseminada entre os teóricos da Literatura Fantástica, característica representada pelo ponto de vista desse leitor. Nesta vertente, como reação do ponto de vista temos o medo, critério fundamental para se fixar o fantástico. Importante citar também que atmosfera que cerca o conto é fundamental para despertar o interesse e as sensações no leitor. Lovecraft e também

Todorov respaldam essa perspectiva, e citando Lovecraft (1987, p. 17) [...] “a atmosfera é a coisa mais importante, pois o critério final de autenticidade não é a harmonização de um enredo, mas a criação de uma determinada sensação. ” E é justamente essa sensação que toma conta do leitor que nos traz ao terreno fantástico. Para Damásio (1995) podemos definir o medo como a emoção mais forte entre as quatro restantes do ser humano. Por sua vez, o medo daquilo que não conhecemos ou não podemos ver é ainda maior.

Tratando- se do medo, Lovecraft (1987) afirma que Poe emprega tal característica em suas obras, no entanto, disserta que o autor em destaque não se limita apenas a essa temática, ele vai além:

> [...] O intento artístico e impessoal foi ajudado por uma atitude científica não muitas vezes vista antes dele; dessa forma Poe estudou mais a mente humana que os usos da ficção gótica, e obrou com um conhecimento analítico das verdadeiras fontes do terror que redobrou a força das suas narrativas e o emancipou dos absurdos inerentes à mera confecção convencional de calafrios. (1987, p. 49)

Poe faz uso dos tormentos da alma e dos transtornos psicológicos para elaborar seus escritos, colocando seus personagens à beira da insanidade por não ser saber o que é real e imaginação na confecção de seus atos e provocando a mesma reação no leitor, tornando-o um dos melhores autores do gênero.

Tangendo às reflexões acerca do que é real e sonho, Calansas (1988) diz que os sonhos são muito utilizados para distinguir os acontecimentos inverossímeis, mas apesar disso, o determinante para a designação do fantástico na obra é justamente as brechas que são deixadas pelo autor, fazendo tanto o personagem quanto o leitor se questionar sobre os limites entre o sonho e a realidade. Consequentemente, após as várias constatações feitas no presente trabalho, os elementos fantásticos serão analisados nos contos *A queda da casa de Usher* e *Berenice,* do autor Edgar Allan Poe.

SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

Edgar Allan Poe foi um escritor do período romântico, nasceu em Boston, Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809. Filho de pais artistas, Poe teve dois irmãos. Antes de completar um ano de idade, perde o pai, David, para o consumo excessivo de álcool. Sua mãe, Elizabeth, definha muito rápido e encontrando-se na miséria absoluta vem a

falecer no dia 8 de dezembro de 1811, um dia após a imprensa local anunciar um recital em prol de sua vida.

Órfão de pai e mãe, o jovem é adotado pelo casal Frances e John, onde vive o resto da infância sem o contato com seus outros irmãos. Apesar da sua adoção nunca ser verdadeiramente consumada, Edgar é batizado numa Igreja Presbiteriana e ganha o sobrenome de seu pai adotivo, assim passa a se chamar Edgar Allan Poe.

Após passar por várias escolas, todas pagas pelo seu pai adotivo, Poe cai na vida mundana e como todo jovem da época começa a interessar-se por muitas mulheres e álcool. Em 1827, depois de uma terrível briga com seu pai, Poe sai de casa e passa a viver sozinho, passando a escrever já alguns poemas.

Em 1835, Poe casa-se com sua prima Virginia, de apenas 13 anos, e assim, muda-se para a Filadélfia, onde publica alguns dos seus mais conhecidos contos. 10 anos depois, já em Nova York, Poe, devastado com a enfermidade da esposa, publica na revista *Evening Mirror* seu poema mais conhecido "*O corvo*", o qual o faz ganhar fama e prestígio no terreno literário contemporâneo da época.

Com a morte de Virginia, Poe tenta casar-se novamente com uma antiga namorada, Elmira Roystester, também viúva. O casamento ficou marcado para o dia 17 de outubro de 1849, ocasionando num pequeno momento de felicidade, na qual Poe larga por um tempo a bebida e as drogas, mas no dia 27 de setembro, menos de um mês para seu casamento, Poe entrega-se mais uma vez ao consumo do álcool, ficando largamente atormentado por diversos delírios, com apenas alguns intervalos de sanidade. Domingo, 7 de outubro de 1849, depois de um breve momento lúcido, Edgar Allan Poe morre aos 40 anos de idade.

Entre os escritos de Poe, encontra-se: *O coração delator* (1843); *O corvo* (1845); *O gato preto* (1843); ***A queda da casa de Usher*** (1839); ***Berenice*** (1835); *Annabel Lee* (1849); *O barril de Amontillado* (1846); *O poço e o Pêndulo* (1842); entre outros. Criador dos contos policiais, também escreveu: *Os assassinatos na rua Morgue* (1841); *A carta roubada* (1844).

RESUMO DA OBRA

A QUEDA DA CASA DE USHER

O conto *A queda da casa de Usher* foi publicado em 1839 e narra a chegada de um amigo sem nome à casa do jovem Roderick Usher, que se encontrava ligeiramente

doente. Roderick, por sua vez, tinha uma irmã chamada Lady Madeline, que também era atormentada por uma enfermidade denominada catalepsia, os dois irmãos eram os últimos da linhagem Usher. A história é narrada por seu amigo de infância que há muito tempo não o via, e assim, o mesmo vai descrevendo toda a trajetória que fez até sua chegada a mansão, descreve toda a paisagem e a atmosfera que o cerca, por último dá as características da casa e observa que apesar de antiga e ter uma grande rachadura, não apresentava maiores problemas. Tudo ele narra já muito incomodado, tomado por uma angústia que só aumentava ao adentrar a casa.

Com a morte de Lady Madeline ocasionada pela catalepsia, Roderick Usher decide não enterrar a irmã, deixando ela numa espécie de calabouço por 15 dias até o real sepultamento, local onde, ao perceber o estranhamento do amigo pela semelhança entre ele e Madeline, revela que os dois são gêmeos. Passados alguns dias após o ocorrido, Roderick fica totalmente transtornado, e o amigo, por sua vez, mais angustiado ainda. Numa noite de tempestade, Roderick no auge da insanidade começa a ouvir vozes, numa tentativa de acalmá-lo, o amigo começa a leitura de um livro, mas ao ler uma parte que dizia sobre um arrombamento, Roderick escuta um grito abafado e desespera-se ao dizer que enterrou a irmã viva. Com uma rajada de vento, Lady Madeline aparece na porta do quarto onde em seguida cai sobre o irmão. Ao ver os dois mortos, o amigo foge apavorado e ao olhar para trás, sob a luz de uma lua vermelha, assiste à total destruição da casa de Usher.

BERENICE

Publicado em 1835, *Berenice* narra a história de Egeu e Berenice, ambos jovens e primos. Egeu foi uma criança muito acanhada, carregava consigo uma doença e por sua vez, era também bastante problemático. Berenice era totalmente diferente, muito bela e radiante, sempre foi uma criança saudável, vivaz, possuía uma alegria que a todos contagiava, situação que muda totalmente sem explicação na sua juventude.

Com a enfermidade que perecia Berenice e devastado pela doença, Egeu, sempre divido por episódios de loucura e sanidade, decide então a pedir em casamento, ao lembrar que sua prima sempre cultivou um intenso amor por ele. Antes da chegada do casamento, Berenice definhava muito rapidamente, sua pele não tinha mais cor, seus cabelos não irradiavam mais vida como outrora acontecia. Em uma aparição para Egeu na biblioteca da casa, Berenice deixa transparecer a única parte de seu corpo que reluzia

vida, seus dentes. Ao ver os dentes de sua prima, Egeu cria uma louca obsessão pelos tais e com a morte de Berenice, o perturbado jovem começa a ouvir gritos em seus ouvidos.

Assustado por um criado, Egeu recebe a notícia que o túmulo de Berenice havia sido violado e que a mesma ainda se encontrava viva. Completamente amedrontado, o mesmo olha para o lado onde numa mesinha uma caixa negra como ébano chamava sua atenção, ao abrir a caixa Egeu entra em total desespero deixando a mesma cair, olhando para o chão encontra instrumentos de extração dentária e 32 dentes ensanguentados.

ANÁLISE "*A QUEDA DA CASA DE USHER*"

Como já fora citado o enredo da obra anteriormente, o conto começa com a narração de um amigo sem nome chegando à casa de Usher. Por ser um narrador personagem, o conto é narrado em primeira pessoa, característica do autor Edgar Alan Poe, cuja a maioria dos trabalhos são desenvolvidos com narradores deste tipo:

> Ao longo de um letárgico, sombrio e silencioso dia de outono, quando as nuvens pairavam baixas e opressoras no céu, percorri sozinho a cavalo uma área particularmente desolada da região e, por fim, envolta nas sombras crepusculares que se avizinhavam, avistei ao longe a melancólica casa de Usher. (POE, 2017, p. 53)

É fácil notar como o caminho até a casa já é cercado de paisagens sombrias, com áreas desoladas e deixa à mostra o infortúnio do narrador ao passar por tais trajetos. Neste trecho fica clara a narração em primeira pessoa e consequentemente, após a descrição do percurso e chegada ao destino, o narrador afirma ainda mais sua angústia:

> [...] Não sei explicar – mas, à primeira vista da construção, um insuportável sentimento de angústia invadiu minha alma. Digo insuportável pois tal impressão não encontrava consolo em nenhum sentimento prazeroso – porque poético – com que a mente amiúde acolhe até mesmo as mais cruéis imagens de desolação e terror. (POE, 2017, p. 53-54)

Nestes dois trechos fica evidente a grande perturbação do narrador que começa a mesclar a descrição da realidade, expondo o caminho até a casa, a própria casa juntamente com seus arredores e suas próprias sensações com sentimentos insólitos que o lugar lhe causava. Apesar de não apresentar evidências de aspectos sobrenaturais na apresentação da casa, os sentimentos do narrador para com o ambiente ainda não

conseguem fazer com que o leitor consiga entender a razão de tais sentimentos. Em seguida, o narrador termina por descrever a aparência exterior à casa e da casa:

> [...] Contemplei o panorama que tinha diante de mim – a casa em si e a paisagem simples ao seu redor, suas paredes soturnas, suas janelas com vãos que pareciam olhos, seus juncos esparsos, seus esbranquiçados troncos de árvores anêmicas – com o espírito conturbado, com uma sensação que não posso comparar a nenhuma outra senão ao despertar que interrompe um sonho de ópio – o amargo regresso à vida, o medonho cair do véu. [...] conduzi meu cavalo até a beira íngreme do lado negro e lúgubre de superfície mortiça, contíguo à casa, e olhei para baixo – tomando por um calafrio mais pungente do que o anterior -, deparando-me com as imagens invertidas dos juncos acinzentados, dos arremedos das árvores e das janelas que pareciam olhos vazios. (POE, 2017, p. 54)

A aparência apresentada pelo narrador já nos remete automaticamente à uma descrição exagerada ao criar olhos para a casa, paredes soturnas, apesar de a casa estar malcuidada e parecer evidente que há muito tempo já perdera toda sua beleza, a casa ainda é comum, mas por algum motivo o narrador sente grande desconforto diante dela, sendo que a mesma lhe transmite más sensações. Logo em seguida, na seguinte passagem, o narrador nos explica qual seu grau de intimidade com o proprietário da casa em que o mesmo iria passar os dias, as circunstâncias que o lavaram até lá e a aparência do dono:

> [...] Seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus melhores amigos na infância [...] Todavia, uma carta me alcançara em um canto remoto do país [...] O manuscrito revelava a agitação nervosa de seu remetente. Ele narrava uma enfermidade física aguda, um transtorno mental que o oprimia [...] Decerto nenhum homem mudara de forma tão tenebrosa, em um período tão breve, quanto Roderick Usher! [...] o rosto dele sempre fora notável. A pele tinha um aspecto cadavérico: os olhos extraordinariamente grandes, líquidos e luminosos; os lábios eram finos e pálidos [...] o nariz de um delicado modelo hebraico [...] um queixo delineado que traía, em sua falta de proeminência, uma ausência de energia moral; o cabelo macio e tênue como uma teia de aranha [...] (POE, 2017, p. 57-58)

A partir desta citação é possível perceber que apesar de determinadas enfermidades comprometerem a aparência física dos afetados, a doença que acometera Roderick Usher faz com que ele definhe muito rápido e de uma forma inexplicável, fazendo seu semblante ficar de certo modo irreconhecível. Logo mais, ressalta:

> [...] operava-se tamanha mudança que cheguei a duvidar da identidade do meu anfitrião. A palidez sinistra da pele e o fulgor miraculoso dos olhos, acima de tudo, me assustaram provocando até mesmo o terror. O

> cabelo sedoso crescera sem ser aparado e, em sua textura fina de teia, parecia mais flutuar do que cair ao redor do rosto, impossibilitando-me de, mesmo com esforço, associar sua aparência arabesca com a de um ser humano. (POE, 2017, p. 58)

É importante ressaltar que o último dos Usher não tinha mais um semblante humano, sua face parecia mais de um fantasma. Após descrever a aparência de Roderick, conseguimos perceber ainda mais a angústia e o temor que o amigo e narrador sente ao contemplar o semblante do mesmo, e essa angústia e inquietação, automaticamente, são transmitidas para ao leitor conforme ele vai caracterizando ainda mais a fisionomia do amigo, o leitor começa a sentir as mesmas sensações que o narrador do conto, confirmando que é necessária também a posição do leitor para se definir o fantástico. Assim, Roderick comenta sobre sua saúde mental:

> - Hei de perecer [...] devo parecer desta loucura deplorável. Será desta forma, e nenhuma outra, que encontrarei a perdição. Temo os acontecimentos futuros, não por si próprios, mas por suas consequências. Estremeço só de pensar no que um incidente, até mesmo o mais banal deles, pode provocarem minha intolerável perturbação de espírito. O perigo em si não me amedronta, exceto em seu efeito absoluto: o terror. Nesta enervante e lamentável condição, sinto que mais cedo ou mais tarde chegará o momento em que vou abandonar a vida e a razão, em uma luta com este fantasma soturno, o medo. (POE, 2017, p. 59)

É fácil perceber que Roderick Usher é um ser totalmente atormentado pelo medo, sua doença e sua instabilidade mental só agrava este sentimento, mas por quê todo esse medo? O que lhe causa tanto tormento? Diante da passagem, fica transparente que sua loucura pode levá-lo a cometer insanidades e que essas insanidades irão lhe acompanhar até o fim de seus infortúnios dias. A escolha lexical, na voz de Usher, ressalta o sobrenatural, como também a escolha das palavras pelo autor é feita de forma premeditada para causar justamente a inquietação, como as palavras: *loucura, perdição, perturbação de espírito, perigo, terror, lamentável condição, fantasma soturno, medo*. Essas palavras não foram colocadas aqui por acaso, se Usher descrevesse sua doença de forma mais simples e prática, as estranhas sensações não seriam transmitidas ao narrador e ao leitor. Respondendo à pergunta feita anteriormente, Roderick nos dá a resposta com o seguinte trecho:

> No entanto, ele admitiu, embora hesitante, que muito da peculiar prostração que tanto o afligia tinha uma origem mais natural e sem dúvida mais palpável: a grave e crônica doença – na verdade, a morte

> iminente – de uma irmã muito querida, sua única companhia há muitos anos, o único e último parente que lhe restava. (POE, 2017, p. 59)

Neste ponto, toda explicação ao sobrenatural ligada à doença de Roderick se dá pelo simples fato do protagonista temer a morte da irmã e não estar preparado para a solidão, e como já vimos em Lovecraft, seus embasamentos mostram que o medo que Poe faz uso em seus trabalhos não são limitados à uma única realidade, como por exemplo o medo do sobrenatural, mas, também, aos medos correspondentes à realidade humana, como a solidão. Em Roderick Usher, Poe traz um personagem que deixa transparecer seu medo diante de todos os seus atos e ações, pelo fato de ser atormentado por sua enfermidade, e a enfermidade da irmã, que também a levaria à morte, o deixa muito mais atordoado, fazendo com que o mesmo reflita sobre sua vida e isso afete consideravelmente seu psicológico, levando o leitor a acreditar em suas insanidades. Sobre a irmã de Roderick, o narrador demonstra também seu medo e inquietude ao ver sua aparência em uma súbita aparição:

> [...] Enquanto Roderick falava, lady Madeline (assim se chamava a irmã) atravessou vagarosa por um canto remoto do aposento e, sem notar minha presença, desapareceu. Contemplei-a com uma perplexidade não desprovida de pavor; contudo, não consegui, compreender a raiz de meus sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimia enquanto meus olhos acompanharam os passos se distanciando. Quando por fim se retirou e fechou a porta, busquei depressa por instinto o semblante de seu irmão, mas ele enterrara o rosto nas mãos e pude notar tão somente que uma palidez ainda mais acentuada se espalhara por seus dedos emaciados, por onde escorriam lágrimas dolentes. (POE, 2017, p. 60)

Com a passagem de lady Madeline pelo narrador, o medo que o consome, juntamente com Roderick, faz com que o leitor se encontre num estado duvidoso a respeito da mesma, por que ela aparenta ser tão intrigante ou até mesmo medonha? O que sua doença influencia na aparência da moça? É nítido que nem ele próprio saber explicar o porquê de tais sentimentos.

> A doença de lady Madeline há muito intrigava os médicos. Apatia tenaz, definhamento gradual e uma espécie de catatonia que se manifestava em episódios frequentes, ainda que breves, compunham o estranho diagnóstico. Até então ela havia suportado a pressão da doença e não caíra de cama; mas ao anoitecer de minha chegada a casa, sucumbiu (como me contou seu irmão à noite, com inexprimível agitação) ao poder de prostração típico de sua enfermidade; soube também que a visão fugaz que dela tivera provavelmente seria a última

> – que não veria mais lady Madeline, ao menos, não com vida. (POE, 2017, p. 60)

A doença de Madeline a deixara com aparência um tanto quanto cadavérica, na qual a própria descrição de sua doença e seu estado já induzam o leitor a imaginar cenas fantásticas e por complicações no seu estado físico já era muito difícil a saída dela da cama, mas por motivos desconhecidos, a mesma conseguiu sair de seu quarto e fez sua última aparição ao narrador e Roderick, causando intenso estranhamento e terror aos homens que ali estavam. O narrador vai deixando transparecer ainda mais seu medo, por tudo na casa ser sinônimo de estranheza, até mesmo a doença que afligia Madeline, e a escolha lexical novamente leva o leitor a imaginar uma doença sobrenatural, como vemos: *catatonia, apatia tenaz, definhamento gradual*. Além disso, causa estranheza a força que ela encontrou para fazer sua derradeira passagem pela casa. Neste momento o leitor começa a duvidar sobre o real acontecimento dos fatos, porque o narrador começa a também titubear. Com a morte de Madeline, outro fato estranho se faz presente na obra, a mesma não é enterrada:

> Não pude deixar de ponderar sobre o estranho ritual dessa obra e em sua provável influência sobre o hipocondríaco quando, certa noite, tendo me informado abruptamente que lady Madeline perecera, ele comunicou sua intenção de preservar o cadáver da irmã por duas semanas (antes do enterro propriamente dito) em uma das inúmeras câmaras subterrâneas da mansão. (POE, 2017, p. 65)

A ideia de Usher de preservar o corpo da irmã por 14 dias já causa no narrador e leitor muito estranhamento porque qualquer pessoa que goze de suas faculdades mentais não conservaria um corpo sendo ele de um parente ou não em casa por tanto tempo. Esta ideia faz o leitor e o narrador crer que o mesmo esteja realmente louco. O local onde é deixada tinha as seguintes características:

> [...] A cripta onde a colocamos (e que estivera há tanto tempo fechada que nossas tochas, quase apagadas naquele ambiente opressivo, pouco nos permitiriam perscrutá-la) era pequena, úmida e não permitia qualquer entrada e luz; jazia subterrânea, muito profundamente, logo abaixo da parte da construção onde se localizava meus aposentos. Parecia ter servido em remotas épocas feudais, aos piores propósitos de um calabouço e, em tempos recentes, como um depósito para armazenar pólvora ou outra substância de combustão, visto que parte do piso e o interior do longo arco por onde alcançamos o local haviam sido cuidadosamente revestidos com cobre. Uma porta, de ferro maciço, contava com proteção semelhante. Seu peso monumental provocava um rangido estridente quando se moviam as dobradiças. (POE, 2017, p. 65)

A cripta onde o corpo que Madeline foi deixado para perecer as duas semanas que antecediam seu enterro provocava no narrador um desconforto enorme, porque apesar de ter aceitado a ideia, ele não entendia a razão para tal ação e como tudo na casa o deixava ligeiramente aflito e o fato de estar localizado embaixo de seu quarto fez com que o narrador estranhasse ainda mais as atitudes de Roderick e seu comportamento. A doença repentina e a morte da irmã fizeram com que o último da linhagem dos Usher entrasse em colapso e misteriosamente perecesse e definhasse ainda mais rápido:

> Após amargos dias de luto, uma mudança perceptível alterou os contornos da desordem mental de meu amigo [...] ele vagava pelos cômodos com passos frenéticos, dissonantes e vagos. A palidez em sua face adquirira, se é possível, um tom ainda mais tenebroso – mas o brilho dos olhos havia se extinguido. A ocasional rouquidão de outrora também sumira e um timbre trêmulo, como se tocado por um terror abissal, passou a caracterizar seu tom de voz. (POE, 2017, p. 66)

As atitudes tomadas pelo comportamento de Usher fazem crer que ele esteja ficando louco e definhando cada dia mais e mais, apesar de ser completamente normal uma pessoa que perdeu um ente querido ficar cabisbaixo e triste, mas a forma como ele passou a lidar com a situação faz com que o narrador e consequentemente o leitor acredite que não seja apenas por conta da doença, mas sim, por forças sobrenaturais. E continuou:

> [...] Houve ocasiões em que cheguei a pensar que a incessante agitação de sua mente pudesse ter origem no fardo de um opressivo segredo que ele não tinha coragem de compartilhar. Em outros momentos fui obrigado a atribuir tudo isso aos inexplicáveis caprichos da loucura, pois o flagrava contemplando o nada por longas horas, em uma atitude de profunda atenção, como se ouvindo um som imaginário. Não é de se admirar que o estado de Usher me aterrorizasse – que me contaminasse. (POE, 2017, p. 66)

Para o narrador e amigo de Roderick, não havia mais sanidade nas atitudes do amigo e ele, apesar de tudo, queria acreditar que os devaneios eram decorrentes da enfermidade e melancolia que o afligia, mas as angústias do amigo já haviam sido passadas para o narrador e assim, ele começou a acreditar que coisas sobrenaturais estariam acontecendo na casa, deixando a dúvida de lado e guiando o leitor para o terreno fantástico delimitado pelo sobrenatural, em que o mesmo passa a crer que as leis racionais não seriam mais capazes de definir e discernir os acontecimentos presentes. O medo e a inquietação do narrador são tantos que ele afirma:

> Ao recolher-me bem tarde, no sétimo ou oitavo dia após o sepultamento de lady Madeline no calabouço, experimentei a força total desses sentimentos. O sono se recusava a me visitar, enquanto via as horas esvaindo uma após a outra. Lutava para aplacar racionalmente o nervosismo que me dominava. Esforçava-me para crer que muito, se não tudo, do que sentia fora causado pela influência atordoante da sombria mobília do cômodo – das tapeçarias escuras e gastas, que avivadas pelas rajadas de uma tempestade iminente, sacodiam-se inquietas nas paredes de um lado para o outro, roçando nos adornos de meu leito. (POE, 2017, p. 67)

Com a citação anterior, é possível constatar que a dúvida e luta por explicações racionais ou naturais voltam a pairar sob a cabeça do narrador, e neste caso, cabe a explicação e definição do estranho, que apesar de demonstrar sentimentos e acontecimentos um tanto quanto sobrenaturais, a tempestade que havia caído sobre a região da casa Usher se fazia razoável como explicação para tais sensações e eventos. E o narrador continua:

> [...] os esforços que empreguei foram inúteis. Um tremor incontrolável aos poucos possuiu meu corpo e, por fim, pousou em meu peito um íncubo decerto atraído pelo pânico desmotivado que eu sentia. Espantando-o com um arquejo, lutei para erguer-me sobre os travesseiros e examinando com fervor a escuridão profunda que me circundava, decidi atentar – não sei por quê, talvez por intuição – para os sons discretos e indefinidos que provinham, nos intervalos da tempestade, eu não sabia de onde. Tomado por um sentimento intenso de horror, inexplicável, mas nem por isso menos intolerável, vesti-me às pressas (pois sentia que não conseguiria mais dormir naquela noite) e procurei despertar do lamentável estado em que me encontrava caminhando em largos céleres passos de um lado ao outro no quarto. (POE, 2017, p. 67)

Apesar de haver explicações para o medo da tempestade, o narrador começou a verificar que certos barulhos não eram promovidos apenas por ela e, possuído por uma terrível angústia, não conseguia mais aceitar que a tempestade proporcionasse tanto desespero, assim, começa a surgir o medo do desconhecido, que acompanha o homem desde os primórdios. Como já fora abordado posteriormente, o medo impregnado na narrativa e passado pelos personagens e narrador da história é elemento básico para iniciar a aceitação dos acontecimentos fantásticos, porque ele faz com o leitor passe a acreditar que o temor do narrador é real, fazendo com que o mesmo passe a aceitar o mundo da fantasia, pondo-se no lugar dos personagens e deixando de lado a dúvida que cerca a narrativa, deste modo, o estranho dá lugar ao fantástico propriamente dito que basta para definir as passagens insólitas da obra.

A partir disso, o modo como o personagem principal reage diante da morte da irmã, a tempestade que paira sob sua mansão e os barulhos que começa a ouvir o transtornam ainda mais, pois se sua irmã está morta, não tem motivos para escutar barulhos advindos de outros lugares da casa, apesar de ser uma casa relativamente velha. O horror é tanto que Roderick, tomado pela sua insanidade, começa a entrar em colapso e sua fisionomia, que não era das mais belas, definha de vez e toma um ar psicótico, como se nota: "[..] O rosto dele exibia, como de costume, uma lividez cadavérica; mas além disso, havia uma espécie de euforia maníaca em seu olhar e uma histeria contida no comportamento" (POE, 2017, p. 67), fazendo com que um aspecto fantasmagórico tomasse conta de seu rosto e comportamento. O desespero de Roderick foi tanto que ele passou a acreditar fielmente que estava a escutar a irmã morta. Mas como Madeline poderia estar andando pela casa se seu corpo estava vedado num caixão e a porta do lugar onde padecera era de ferro maciço e pesado? Neste momento a dúvida começa a pairar sobre o amigo de Roderick e o leitor. O clima pesado, juntamente com a tempestade e a instabilidade mental de Roderick só contribuíam para aumentar a atmosfera temerosa na casa, e quanto mais a tempestade aumentava, mais Roderick assumia uma postura assustadora, fantasmagórica e os barulhos vindo da cripta onde estava Madeline aumentavam. A partir daqui, é possível perceber que o conto já é tomado pelo sobrenatural e o leitor não consegue mais distinguir o que é verdade e o que não é. Na tentativa de convencer a si próprio e também a Roderick de que tudo o que ele ouvia e via tinha explicação, o amigo ressalta:

> - Você não deve... não pode ver isso! – falei, trêmulo, a Usher enquanto o conduzia com mansa violência, da janela para uma poltrona. – Essas que o perturbam são apenas fenômenos elétricos comuns ou talvez provenham do miasma fétido do lago. Vamos fechar a janela; o ar está gelado e pode ser perigoso para sua saúde. Eis um de seus romances favoritos. Eu leio e você escuta; assim passaremos juntos esta noite pavorosa. (POE, 2017, p. 68)

O narrador precisava acreditar em algo sólido, que poderia ser explicado para não acabar assombrado como Roderick estava, tanto que alega que tudo o que amigo estava a escutar era ocasionado pela eletricidade da tempestade, mas conforme ele ia lendo as passagens do livro, o clima pesava ainda mais, porque o mesmo estava imitando a realidade do local ou vice-versa, e neste caso, a escolha do livro aqui igualmente foi de forma proposital, porque o escritor fez com que o narrador escolhesse um conto que se assemelhava com os sons vindos da casa. Diante disso, o narrador também passou a

escutar e temer as mesmas coisas que Roderick, e é fato que os barulhos só aumentavam e a única razão cabível para tal era a tempestade que aumentava e tomava força consideravelmente, mas como explicar a coincidência dos fatos que estavam sendo apresentados na casa? Não existe razão, porque o leitor não consegue mais encontrar no conto sinais de que o acontecido seja natural ou explicável pelas leis naturais. É perceptível que Roderick havia desistido de lutar por algo que acreditava ser inevitável, ele não buscava mais soluções para os acontecimentos, apenas estava a aceitar que o sobrenatural era real. Ao tentar persuadir o amigo, Roderick pergunta:

> - Não escuta? Sim, escuto, já escutei *outras vezes*. Há tanto... tanto... tanto tempo... muitos minutos, horas, há dias que escuto... mas não ousei... Ah, tenha piedade de mim, pobre desgraçado que sou! Não tive coagem, não tive *coragem* de falar! *Nós a trancamos viva no caixão*! Não disse que tenho sentidos apurados? [...] o estrondo do escudo tombado! Na verdade, o caixão sendo aberto, as dobradiças da porta de aço do calabouço rangendo, seu desespero para se libertar da prisão! (POE, 2017, p. 71)

Roderick estava tão atordoado com tudo o que estava acontecendo que passou a acreditar que tudo era obra de sua irmã que fora enterrada viva e que lutava para sair de seu caixão para se vingar ou buscá-lo. Neste ponto, a incerteza sobre a morte de Madeline paira sobre a cabeça do narrador, fazendo com que o leitor também fique se perguntado se o fato seria verdade ou não. No entanto, Roderick completa:

> Louco! [...] – *Louco! Saiba que ela agora está aqui à porta!* Como se a energia sobre-humana dessa fala trouxesse consigo a potência de um encantamento, a imensa porta decrépita para qual ele apontava começou a abrir bem devagar, naquele exato momento, sua vetusta bocarra de ébano. Era consequência de uma rajada tempestuosa de vento – mas, parada à porta agora aberta, *de fato* estava o vulto eminente do amortalhado de lady Madeline Usher. Havia sangue nas vestes brancas e sinas de luta desesperada em toda sua emaciada figura. Por um instante permaneceu trêmula, oscilando na soleira da porta; então com um lamento pungente, caiu pesada sobre o irmão e, em sua violenta e derradeira agonia de morte, derrubou-o no chão já morto, vítima dos terrores que antecipara. (POE, 2017, p. 71-72)

A aparição fantasmagórica de Madeline faz com que o leitor caia finalmente na hesitação do que é real e do que é fantástico, pois já que a mesma estava muito debilitada antes de morrer e os dias que passara trancada na cripta só a debilitaram mais, sem contar a fome e a sede, ela não teria força suficiente para sair de seu caixão, abrir uma porta de ferro maciço, em que foram necessários dois homens para fechá-la e ainda chegar até o

quarto onde seu irmão estava quase no leito de morte após tanta atormentação. Aqui, o narrador não consegue achar razão e nem explicação plausível para tamanha força de Madeline, confirmando a aparição como fantástica. E, para finalizar, ainda ocorre a queda da casa:

> Fugi atordoado daquele cômodo e daquela casa [...] me virei para ver de onde um clarão tão insólito poderia ter vindo, pois a imensa casa estava coberta de sombras. O brilho era da lua cheia, tingida de vermelho-sangue, luzindo radiante pela fissura quase imperceptível a qual já mencionei [...] Diante de meus olhos, a fissura se alargou rapidamente [...] e pude ver a lua irrompendo repentinamente. Minha cabeça girava enquanto via as imponentes paredes desabarem; ouviu-se um rumor de gritos tumultuados [...] e o lago profundo e gélido aos meus pés, engoliu, pesado e silencioso, as ruínas da *casa de Usher*. (POE, 2017, p. 72)

É nítida percepção pela qual a queda da casa não foi consumada por razões de infraestrutura ou razões naturais, representadas pela tempestade. A fissura que ela tinha em sua fachada que descia até chão era quase imperceptível e não teria forças para destruir toda a casa, a tempestade além de forte e com ventos violentos também não. A única explicação cabível para a queda da casa é a morte dos dois irmãos, pondo um fim na linhagem e toda existência da família Usher.

ANÁLISE DE "*BERENICE*"

"*Berenice*" também de Edgar Allan Poe, é um dos contos que melhor representa o gênero de terror com um requinte de suspense e apresenta até o final a dualidade entre a vida e a morte, a alegria e o pesar, como também o belo e o feio. Aqui, temos como personagem principal e narrador Egeu, que não identifica seu sobrenome, ao contrário do protagonista Roderick de "*A queda da casa de Usher*" que faz questão de identificar sua linhagem. Egeu mora numa casa melancólica, muito parecida com a casa Usher, onde vive atormentando pelas lembranças que a biblioteca traz. O sentimento exposto por ele é sempre voltado ao pesar e o melancólico sentimento deixa a atmosfera perfeita para o fantástico se instaurar. Sua insatisfação com a casa é notável e o fato da narrativa ser em primeira pessoa faz com que o leitor não encontre meios para distinguir o que é real ou fantástico. Sobre sua casa, Egeu comenta na seguinte passagem:

> As recordações de meus primeiros anos estão ligadas à biblioteca e aos seus volumes, dos quais não direi mais nada. Foi lá que minha mãe

> morreu. Foi onde nasci. No entanto, é mera indolência dizer que não vivera antes – que a alma não goza de existência prévia [...] Recordo-me porém, de formas aéreas – olhos espirituais, expressivos -, de sons, musicais, embora pesarosos: uma recordação incapaz de ser extirpada; uma lembrança como uma sombra, vaga, variável, indefinida, instável; e como uma sombra, também, por minha incapacidade de me livrar dela enquanto o raio de sol de minha lucidez ainda existir. (POE, 2017, p. 234)

Aqui podemos perceber o descontentamento que a biblioteca transmite ao protagonista do conto, que, assim como Roderick, é tomado por sensações estranhas ao lembrar dos acontecidos e a forma como sua casa sugou suas energias, mostrando que a descrição do ambiente é o que elucida a característica do sobrenatural na obra. Na literatura, as palavras escolhidas pelo escritor ganham vida e significado próprio, a escolha lexical, neste caso, é usada para transmitir ao leitor sensações pesarosas, é característico do fantástico o uso do jogo de palavras para impressionar o leitor fazendo com que ele próprio imagine cenas maravilhosas e caia em hesitação com as descrições e palavras articuladas ao texto. Neste trecho, as expressões: *formas aéreas, olhos espirituais, sons pesarosos, lembrança como uma sombra, vaga, variável, indefinida, instável, a sombra que o persegue* dão ao leitor uma caracterização bastante insólita da biblioteca. Se, normalmente, a ideia de se tem de uma biblioteca é de calma, aqui é de inquietação e, ao lembrar que Egeu passa seus dias quase inteiros ali, já se imagina qual seja seu humor diário, sua caraterização como um personagem sombrio. A biblioteca é metáfora de seu próprio humor, neste caso, pois Egeu se identifica com ela, sente-se soturna como ela.

Egeu sofre de uma doença muito particular e que piora consideravelmente ao passar dos dias, se ocupando na contemplação frenética e dissimulada dos mais triviais dos objetos, deixando-o completamente monomaníaco por horas a fio. Os sentimentos expostos aliados aos detalhes da biblioteca e das situações vivenciadas na casa fazem com que o leitor já comece a sentir os mesmos pesares que Egeu, deixando a atmosfera do conto com bastante suspense. A condição de narrador do personagem principal e a forma como ele apresenta os diálogos com o leitor agem de modo que a narração seja unicamente para convencer o leitor de que a história é cercada pelo sobrenatural, propiciando a hesitação entre o real e o imaginário.

A presença de um modelo feminino faz com que o conto se assemelhe com o anteriormente já analisado. Berenice, prima de Egeu, fora uma jovem muito graciosa, de

alegria contagiante, mas que repentinamente padece de uma enfermidade que toma conta de toda sua vivacidade, como se percebe:

> [...] Uma doença – uma doença fatal – desceu como um simum sobre ela e, diante de meus olhos, o espírito da transformação a fustigou, impregnando sua mente, seus hábitos e seu modo de ser e, de maneira ainda mais sutil e tenebrosa, modificando até mesmo a sua própria personalidade [...] Entre a numerosa sucessão de enfermidades acarretadas pela primeira, fatal, que operara uma transformação tão horrenda na constituição moral e física de minha prima, devo mencionar como a mais perturbadora e obstinada uma espécie de epilepsia que, não raro, culminava em um *transe* – um transe que se assemelhava deveras com a morte e cuja recuperação se dava, na maior parte das vezes, de maneira assombrosamente abrupta. (POE, 2017, p. 235)

A forma como é apresentada a doença de Berenice faz com que o leitor comece a imaginar cenas fantásticas com a fisionomia da enferma, como também a escolha lexical do escritor para descrever o mal que acomete a jovem é proposicional, na qual as palavras: *tenebrosa, perturbadora, horrenda* levam o narrador e o leitor a temer as aparições da face misteriosa e irreal de Berenice na obra, assim como as aparições de Madeline, em "*A queda da casa de Usher*". O "*transe*", em itálico no original, leva o leitor a visualizar uma cena de penúria e angústia ao ver Berenice da forma que estava, porque ao nos depararmos com uma pessoa em transe já imaginamos que ela esteja em contato com outro plano, ou seja, ela já não habita mais nossa realidade, e, assim, Berenice estava num plano paralelo de morte, dormindo em sono profundo, deixando o narrador e o leitor aflitos sem saber se ela iria acordar novamente. A diferença entre as jovens se dá pelo fato da doença de Madeline a atormentar desde sempre, desde o início de sua vida, já em Berenice a enfermidade a acomete na sua juventude. Após os noivados dos primos, tanto a doença de Egeu quanto de Berenice evoluem de forma inimaginável e assim como Roderick, Egeu também se identificava com os livros presentes na sua casa, mas, neste caso tais livros consumiam sua vivacidade e agravavam ainda mais sua doença.

Conforme Egeu ia padecendo de sua fixação, Berenice definhava rapidamente e sua presença o incomodava grandemente, causando uma enorme descontentamento e especulação acerca de sua distinta personalidade. A mudança de hábito e personalidade de Berenice faz o narrador e o leitor crerem que a pessoa que habitava aquele corpo não fosse mais a doce e linda Berenice. Com a aproximação do casamento de ambos, Berenice continuava definhando ainda mais e Egeu já apresentava poucos episódios lúcidos, tanto que ao sentir a presença da prima em seu cômodo, não acreditava que fosse verdade, e

após cair em si, o aspecto da prima lhe causou grande descontentamento e incômodo acompanhado de medo e melancolia.

> O que teria me causado uma impressão de silhueta vacilante e indistinta? Seria minha própria imaginação agitada? Ou a influência nebulosa da atmosfera, a indefinição crepuscular do aposento? Quicá as vestes cinzentas que lhe pendiam do corpo? Não consegui precisar. Ela não disse uma palavra – e não pude, por nada neste mundo, proferir uma única sílaba. Um gélido calafrio percorreu meu corpo; uma ansiedade intolerável me oprimia; uma curiosidade voraz consumia minha alma; reclinando-me na cadeira, permaneci por alguns instantes paralisado, sem fôlego, com os olhos fixados na aparição diante de mim. (POE, 2017, p. 239)

A aparição repentina de Berenice e a descrição do aposento onde Egeu estava passam ao leitor sensações de pesar e angústia, levando-o à hesitação quando Egeu se assusta com o semblante da prima e chega a se perguntar se ele estaria vendo-a de fato ou se era apenas fruto de sua imaginação. A cor das vestes de Berenice que pareciam oprimidas num cinza representando apenas tristeza moldavam o aspecto de melancolia em sua aparição. O espaço é também característica fundamental para criar o efeito fantástico, na passagem, a leve descrição do aposento prende o leitor de modo a ficar apreensivo com todo o suspense da aparição da prima ali, naquele cômodo nebuloso. A forma como ele se sentia em relação à Berenice remete ao medo de algo desconhecido, não porque ele não conhecia a mulher, mas porque não reconhecia mais sua face e atitudes. Berenice mudara tanto que Egeu comenta:

> A fronte era alta, muito pálida e de singular placidez; o cabelo outrora negro, agora cobria parcialmente a testa, obscurecendo as têmporas encovadas com uma profusão de cachos de um amarelo-vivo que, em seu caráter fantástico, destoava com a melancolia que predominava em seu semblante. Os olhos, mortiços e opacos, pareciam não ter pupilas distinguíveis, e desviei os meus, involuntariamente, de seu olhar vítreo para contemplar os lábios finos e enrugados. Eles se entreabriram e, em um sorriso peculiar, os *dentes* de Berenice assim alterada revelaram-se aos poucos para mim. Quisera Deus que eu nunca os tivesse visto ou, tendo-os visto, que tivesse morrido. (POE, 2017, p. 239)

A descrição da forma cadavérica que Berenice tinha tomado leva o leitor a imaginar cenas fantásticas com sua fisionomia, como se ela fosse um cadáver que tivera voltado à vida naquele instante, com seu olhar gelado e sem vida, como se vê nos léxicos *mortiços e opacos*, nos fazendo lembrar da aparência de Madeline. Quando ele cita que a fronte era alta e pálida logo nos vem à mente alguém magro e doente, assim como os cabelos num tom amarelado e as têmporas encovadas confirmavam ainda mais seu olhar

anêmico e sem vida. Seus lábios mostravam a fragilidade em que a jovem se encontrava, dando um ar misterioso ao perceber quanto ela perecera tão rápido. A descrição inicial dos dentes brancos de Berenice leva o leitor a crer que é a representação de um contraste entre a vida e a morte. Os dentes eram a única parte que restava intacta e com vida no semblante de Berenice, assim, Egeu entra em seu estado monomaníaco, obsessivo por eles:

> [...] Nenhuma mácula em sua superfície, nenhuma nódoa em seu esmalte, nenhuma falha em seus contornos – o instante de seu sorriso fora suficiente para cravá-lo em minha memória. Eu os via *agora* ainda com mais nitidez do que *antes*, quando os tivera bem diante de mim. Os dentes – os dentes – estavam aqui, ali, por toda parte, visíveis e palpáveis diante de mim; longos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos contorcendo-se sobre eles como se no tenebroso instante de seu primeiro desvendar. (POE, 2017, p. 240)

Nesta passagem fica claro que a narrador faz com que o leitor do conto adentre em sua mente, mostra como ele se sente em relação à única parte viva no semblante de Berenice, convencendo quem está lendo de que ele é realmente doente e sua história é cercada de mistério e pesar, dando a possibilidade ao leitor de se perguntar se ele é realmente louco, doente ou se tudo é obra do sobrenatural. É perceptível também o contraste entre o feio e o belo, o instigante e o desinteressante, o feio entra com o físico de Berenice que havia sido devastado pela doença que acometera, porém, seus dentes eram a única coisa que transbordavam vida na face fenecida, neste caso, o belo; o instigante é a forma como a sua doença não conseguiu extrair a beleza de seus dentes, e o desinteressante aparece retratado na forma como Egeu trata os sentimentos que tinha pela prima, que aqui não existiam, dando lugar apenas para sua obsessão. Em relação à Madeline, ela se difere pois enquanto Berenice ainda possuía algum tipo de beleza, mesmo o leitor não conseguindo entender o porquê, já que sua doença a teria devastado a tal ponto de ela apresentar-se quase como um cadáver, Madeline não apresentava beleza alguma, apenas deixava transbordar o medo e a angústia.

Egeu, assim como Roderick, era atormentando por seus pensamentos. Usher temia o que sua mente materializava como real (os sons vindos da cripta onde estava sua irmã) e Egeu vivia atormentado pela obsessão travada com os objetos fúteis. O deslumbramento pelos dentes foi tanto que Egeu começa a desejá-los loucamente:

> [...] Então adveio a fúria violenta de minha *monomania* e travei uma luta inglória contra sua estranha e irresistível influência. Nos objetos

> multiplicados de meu mundo externo, só conseguia pensar nos dentes. Desejava-os com um ardor frenético. Todo os demais assuntos e interesses amalgamaram-se em sua simples contemplação. Eles – apenas eles estavam presentes no olho de minha mente e apenas eles, em sua individualidade única, tornaram-se a essência de minha vida mental. Eu os analisava sob todos os aspectos. Imaginava-os de todas as maneiras. Sondava-os em suas características. (POE, 2017, p. 240)

O desejo pelos dentes era tanto que Egeu passou dois dias trancado no lugar onde vira os dentes pela primeira vez, na biblioteca, apenas pensando, ou, como ele mesmo diz, "meditando" nos tão desejados dentes de Berenice, essa obsessão faz com que o leitor acredite que Egeu esteja realmente louco e que o próprio seria capaz de tudo para possuí-los. O fato de tudo ocorrer na biblioteca nos remete à ideia de ambiente opressor que este cômodo trazia, como já vimos. Em seguida, recebe a notícia de que ela havia morrido, e no momento de seu velório, ao contemplar seu cadáver Egeu assume ter visto o dedo e os lábios de Berenice se moverem:

> Com o coração cheio de pesar, ainda que relutante e oprimido pelo pavor, dirigi-me aos aposentos da morta. O quarto era amplo, muito escuro, e a cada passo em sua atmosfera lúgubre, deparava-me com os aparatos do sepultamento. [...] A atmosfera estava impregnada de morte [...] Deus do céu! Seria possível? Estaria meu cérebro me pregando uma peça – ou o dedo da defunta de fato se movera na mortalha que o envolvia? Hirto de inexplicável pavor [...] Seu queixo fora envolvido em uma faixa de tecido que, não sei como, se soltara. Os lábios lívidos estavam contorcidos em uma espécie de sorriso, e em meio às trevas que o envolviam, brancos e luzidios, os dentes sinistros de Berenice expunham-se diante de meus olhos com palpável realidade. (POE, 2017, p. 241-242)

Nesta passagem o fantástico se dá através da hesitação primeiramente experimentada pelo narrador Egeu, que fica se perguntando se o que teria visto era real, mas com teor sobrenatural pelo falto de Berenice estar morta, ou apenas fruto de sua imaginação. Já no caso do leitor, a hesitação experimentada se dá pelo fato do próprio narrador deixar transparecer a dúvida no desenrolar do conto, deste modo, o leitor também fica se perguntando se aquilo aconteceu mesmo ou não, por isso é fundamental a relação leitor/personagem para a definição do fantástico na obra, já que Egeu relata que a doença de sua prima a deixava em estado de quase morte, além disso, o fato de somente os dentes de Berenice estarem lindos e com vida é bastante incoerente já que ela estava em estado tão deplorável e assombroso, levando o leitor a imaginar que a descrição dos dentes dada pelo narrador fosse apenas invenção de sua monomania. Assim ocorre em "*A queda da casa de Usher*", em que o narrador e o leitor também ficam se perguntando se os sons

escutados por Roderick eram realmente reais ou advindos de sua mente psicologicamente instável e transtornada pela "morte" da irmã que igualmente perecia de catalepsia, doença muito parecida com de Berenice.

Com o fim de seu devaneio, Egeu se vê novamente na biblioteca de sua casa, onde começa a ter vagas lembranças do que havia acontecido na noite anterior.

> [...] Sabia já ser meia-noite e tinha plena consciência de que, desde o pôr do sol, Berenice havia sido enterrada. Porém, não tinha nenhuma recordação definida a respeito do que se dera nesse tenebroso intervalo. Minha mente contudo estava repleta de horror – horror ainda mais horrível por ser vago, terror ainda mais terrível por sua ambiguidade. (POE, 2017, p. 242)

A forma como o escritor utiliza as palavras *tenebroso*, *horror*, *horrível*, *terror*, *terrível* e *ambiguidade* já faz com que o leitor passe a imaginar cenas grotescas acontecendo durante o momento de insanidade de Egeu, a escolha das palavras é inegavelmente proposital, corroborando para situar a atmosfera sobrenatural e melancólica no conto, ainda mais quando cita a "*ambiguidade*", palavra que faz o leitor refletir e se perguntar sobre o que teria de fato acontecido e o que era imaginação da mente de Egeu. Adiante temos:

> [...] de vez em quando, como o espírito de um som finado, um grito feminino, penetrante e pungente, parecia ressoar em meus ouvidos. Eu havia feito algo – mas o quê? E os ecos do aposento respondiam-me: "Mas o quê?". Na mesinha ao meu lado ardia um candeeiro e, junto dele, havia uma pequena caixa negra como ébano [...] pertencia ao médico da família; porém, como viera parar *ali*, na minha mesa, e por que eu estremecia ao contemplá-la? [...] meus olhos, por fim, pousaram sobre as páginas abertas de um livro, onde havia uma frase sublinhada [...] por quê, ao perscrutá-las, um arrepio erguia-me os cabelos e o sangue congelava-me nas veias? (POE, 2017, p. 242)

Mais uma vez, a escolha lexical no conto intensifica o suspense na obra com as palavras *penetrante*, *pungente*, *estremecia*, *arrepio*, *congelava-me*. Elas nos levam a imaginar que coisas estranhas, sem explicação, estavam acontecendo naquele cômodo de modo que o suspense vai aumentando gradualmente, tanto para Egeu, que se via numa situação completamente desconfortável, quanto para o leitor, que partilha do mesmo sentimento. Adiante, o mistério chega ao fim:

> Ouvi uma batida suave na porta e, pálido como um defunto, um criado entrou pé ante pé. Estava visivelmente transtornado e se dirigiu a mim

> com uma voz trêmula, rouca e sussurrante. [...] Contou sobre um grito lancinante que cortara o silêncio da noite e sobre como a criadagem se reunira em busca da origem do som. [...] me falou, murmurando, sobre o túmulo violado e sobre um cadáver desfigurado encontrado no local [...] ainda respirando, palpitante, *vivo*! [...] apontou para minhas vestes, estavam enlameadas, com respingos de sangue coagulado [...] notei que minhas mãos traziam marcas de unhas humanas [...] chamou minha atenção para um objeto apoiado contra a parede [...] era uma pá. Com um grito, lancei-me sobre a mesa e agarrei a caixa que estava sobre ela [...] não consegui abri-la e, com as mãos trêmulas, deixei que escorregasse de meus dedos. Ela caiu com um pesado baque [...] de seu interior [...] espalharam-se instrumentos de extração dentária, misturados com pequeninos objetos brancos e luzidios que se dispersaram pelo assoalho. (POE, 2017, p. 243)

Neste último trecho, a primeira confirmação do fantástico se dá através de Berenice ainda estar viva mesmo após ser desfigurada e ter os 32 dentes arrancados e, ainda assim, conseguir lutar para sobreviver, representação dada pelas marcas de unhas no braço de Egeu. Além disso, a força surreal também adquirida mesmo estando debilitada e desfigurada, conseguindo reagir à agressão de Egeu, é algo insólito e pouco plausível na vida real, mas possível com o uso dos elementos fantásticos. Nesta obra, o insólito também se concretiza através da linguagem, como por exemplo, quando ele não diz a palavra “dentes”, porém, faz o uso da metáfora para defini-los, levando-nos a crer que os dentes para ele tinham se tornado tão preciosos que não seria capaz de pronunciá-los, assim como os demais objetos se tornavam em suas meditações. Também se evidencia a linguagem que o próprio narrador usa para definir sua doença, quando ele mesmo diz que as suas meditações nunca eram prazerosas, mas que mesmo assim jamais conseguia escapar de sua monomania. As características de Berenice também sãopouco usuais, pois ele cita que a prima era de uma “fantástica beleza” e, então, tudo isso é tomado pelo infortúnio da doença, que a deixou totalmente transformada, com aparência de um cadáver, ou seja, o exagero também cria o efeito fantástico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das análises feitas é possível notar que nos dois contos analisados existem características bem comuns. Em *A queda da casa de Usher* e *Berenice* existe um mistério para ser solucionado pelo narrador e consequentemente pelo leitor do conto, pois precisam definir se Roderick e Egeu estavam loucos, dominados pela doença que os acometera, ou se as aparições e circunstâncias vivenciadas nas duas casas não tinham

explicações plausíveis e naturais. O espaço em ambos é fundamental para caracterizar o significado do fantástico, porque na descrição das duas casas transbordava o sobrenatural, evidenciado pelo sentimento de pesar e melancolia. Os títulos das obras também representam o enigma e a resposta para este enigma: em *A queda da de Usher*, ficamos nos perguntando se a queda se refere ao sentido literal ou apenas à dissolução de uma família, e no fim do enredo podemos constatar que as duas opções se concretizam. Já em *Berenice*, o título é bem mais significativo, mostra uma mulher, mas não sabemos o que realmente irá acontecer a esta figura feminina, tanto que o foco principal do conto não é ela, mas sim seu primo Egeu.

Os personagens das obras citadas, do mesmo modo, representam grande significado para os contos por apresentarem narradores personagens contando sua própria história, e em consequência disto, nunca vamos saber se aquilo que fora narrado por eles é realmente verdade, dando maior significado ao gênero fantástico que está sendo explorado, porque sabemos apenas as perspectivas dadas por uma única pessoa, ou seja, o narrador implica diretamente no entendimento dos fatos.

O transtorno psicológico dos personagens masculinos também é fundamental para enfatizar o fantástico-estranho nos contos, os dois são atormentados por doenças muito parecidas. Primeiro, Roderick assume uma postura e vai mudando gradativamente conforme sua doença vai ganhando força, passando a sentir-se culpado pela morte da irmã. Egeu, por sua vez, sempre foi um rapaz muito doente que apresentava episódios no qual ficava meditando por horas sobre objetos fúteis, chegando a não saber se o que via era real, levando-o a ter alucinações após a morte de sua prima. Por último e não menos importante temos a caracterização das doenças de Madeline e Berenice, deixando as duas com feições macabras, igualando-as a cadáveres com feições fantasmagóricas, sabendo que as duas voltam da morte, mas não sabendo se isso fora obra do sobrenatural ou não. Por fim, o fantástico também está e se concretizar no exagero que conduz ao sobrenatural, como no caso da descrição da casa de Usher, em que o narrador usa do jogo de palavras para nos fazer imaginar olhos no lugar de janelas, por exemplo, e a forma como as sensações sobre a biblioteca de Egeu são apresentadas, assim, podemos chegar à conclusão de que os mecanismos expostos apresentam muitas semelhanças na caracterização dos elementos dos dois contos analisados.

REFERÊNCIAS

BARA, Paula Alvin Gattás. **Os percursos da Literatura Comparada.** 2010. Disponível em <http://profaureachristina.blogspot.com.br/2010/09/literatura-comparada-leia-com-atencao.html> Acesso em 09 abri 2012.

CALANSAS, Selma Rodrigues. **O Fantástico**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

CAMARINI, Ana Luiza Silva. **A Literatura Fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes** - emoção, razão e cérebro humano. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

LOURENÇO, Daiane da Silva; SILVA, Luis Cláudio Ferreira. O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras. In: Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 10. 2010, Campo Mourão – PR. **Anais do V Encontro de Produção Científica e Tecnológica.** Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2010.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em Literatura**. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1987.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Seminálise**. São Paulo: Debates, 1969.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo, EDUSP, 1997.

POE, Edgar Allan. **Medo Clássico**. São Paulo: Darkside, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.